

## Marie Rennotte (1852-1942)



Afinal quem foi essa mulher? Cem anos depois do ingresso de Marie Rennotte no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, parecia impossível trazer para o presente uma imagem que sentíamos estar desvanecida pelas “cinzas do passado.”

Meu estudo sobre a história de sua vida, a partir de documentos arquivados no IHGSP e da consulta da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, exumou a figura admirável de Marie Rennotte, professora e médica. Pesquisas de autoria de Maria Lúcia de Barros Mott (Faculdade Adventista de Enfermagem) e de Maria Lúcia Spedo Hilsdorf (Faculdade de Educação, USP) revelam-na como um exemplo de competência, determinação e idealismo.

Belga de origem, Marie Rennotte nasceu em Wandre em 1852, tendo imigrado para o Brasil em maio de 1878. *Mademoiselle* Rennotte, como era então conhecida, destacava-se entre as mulheres da sociedade paulista por sua sólida formação profissional, por falar vários idiomas, fato raro e desejável na época, e, além disso, por defender o ideário feminista.

Fez o curso de magistério em Paris, como atestam os diplomas do “Cours Normaux, Societé pour l’Instrucion Élémentare”, de 1874, e o “Brevet de Capacité pour l’enseignement – Institutrice II<sup>EME</sup> ordre”, de 1875, documentos arquivados no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Passaporte belga emitido no Rio de Janeiro, em 1885, por ocasião de sua viagem à Buenos Aires, descreve-a como pessoa com 1,60m de altura, olhos acinzentados, cabelos loiros, nariz reto, queixo e rosto arredondados.

Quem se interessar pela hitópria da instrução feminina, tema dos mais veementes defendidos por Marie Rennotte, deve recorrer ao excelente texto de Maria Thereza Caiuby Crescenti (tese de doutoramento, USP) *Mulheres de ontem? Rio de Janeiro – Século XIX*. Lá encontra-se citado e interpretado o documento “Polianteia comemorativa da inauguração das aulas para o sexo feminino do Imperial Liceu das Artes e Ofício”(1881), divulgando educação as respostas de 4 mulheres e 127 homens de letras, convidados a se manifestarem sobre a educação feminina em nosso meio. Eis uma das respostas ali registradas: “Nada mais quimérico do que certas doutrinas hoje em voga, sobre uma igualdade mal entendida do homem e da mulher, nada mais desmoralizador do que lançar a mulher na concorrência industrial com o homem. Ser mãe e esposa é quanto basta à sua glória, à felicidade sua e nossa”, acreditava Miguel Lemos. Assim se pensava na época. A maioria dos homens de letra da Polianteia considerava a instrução feminina como algo ligado exclusivamente à missão de esposa e de mãe, proclamando que a eles, sim, caberia sustentar a família.

Isso ocorreu na segunda metade do século XIX, quando ainda se pensava que o essencial, para as donzelas, era ter o pé pequeno, comer pouco, mostrar-se ligeiramente enfasiada e, dependendo da classe social, tocar piano e aprender a

dançar. E com clausura! Ainda havia quem dissesse que as mulheres deveriam sair de casa apenas três vezes durante suas vidas: para serem batizadas, para casarem e para serem enterradas. Que programa!

Em 1882, no confronto de opiniões e divergências sobre quais deveriam ser os papéis das mulheres na sociedade paulista e brasileira, quando a maioria masculina ainda se mostrava contrária à emancipação feminina, Marie Rennotte, mulher de ideias avançadas, foi contratada para lecionar no Colégio Piracicabano, fundado por metodistas do sul dos Estados Unidos na cidade de Piracicaba, em 1881, ano esse em que ali se fundou a terceira Igreja Metodista no Brasil. Que contraste de convicções!



Colégio Piracicabano, inaugurado em 1881



Reformado e ampliado em 1918.

Ao contrário das escolas tradicionais católicas de currículo humanista clássico, a proposta educacional dos colégios protestantes valorizava o ensino das matérias científicas, privilegiava os métodos empíricos e propugnava a coeducação, ao lado de um tratamento menos discriminatório quanto aos papéis sexuais. Por solicitação de *Miss Watts*, pastora metodista e professora responsável pelo recém inaugurado Colégio Piracicabano, Marie Rennotte passou a exercer a docência, ministrando cursos nas áreas de ciências. Foi justamente essa preocupação com o ensino das ciências exatas e naturais um dos elementos que deu a essa escola um caráter de inovação nas discussões do programa de ensino dirigido a mulheres.



Americana de nascimento, *Miss Watts* mal falava o português, razão pela qual decidiu solicitar a colaboração de *Mademoiselle Rennotte*, que acabou por se tornar porta-voz das diretrizes educacionais da nova escola. Foi ela que apresentou e defendeu o conteúdo dos programas de ensino do Colégio Piracicabano, em artigos publicados na “Gazeta de Piracicaba”. *Mademoiselle Rennotte* era mulher valente. Não recuou diante de nada ou de ninguém. Mulher de convicções, desafiou corajosamente o catolicismo ultramontano presente na cidade e enfrentou as irmãs do

Colégio D'Assumpção de Nossa Senhora, questionando a eficiência dos respectivos sistemas de ensino, como consta na "Gazeta de Piracicaba", em 28 de janeiro desse mesmo ano. Eram Freitas dessa escola que ditavam as normas do catolicismo junto às moças de Piracicaba, lutando contra a influência dos protestantes na cidade.

O fato é que os republicanos de Piracicaba passaram a contar, no momento exato, com uma professora capaz de levar avante o ideário liberal da educação, mediante a luta pela emancipação feminina na educação e no trabalho. Isso ocorreu com o sólido apoio das elites progressistas e dos recém-chegados colégios americanos protestantes. O protestantismo trazia para o Brasil os valores da sociedade burguesa – ideias que, na França e nos Estados Unidos haviam desferido dois golpes na sociedade aristocrática, e através de suas revoluções, lembrando que "todos os homens foram criados iguais, que foram dotados, por seu criador, de certos direitos inalienáveis, entre os quais estão a Vida, a Liberdade e a Busca da Felicidade". O protestantismo era considerado como opção religiosa do ideário liberal e democrático.

Para mostrar ferrenha oposição ao regime político do segundo império, republicanos passaram a utilizar-se das ideias trazidas para o Brasil pelos já referidos americanos sulistas. Prudente de Moraes, seu irmão Manoel e alguns adeptos uniram-se aos americanos de Santa Bárbara, em São Paulo, com o intuito de criar escolas americanas. A metodologia de ensino nas escolas protestantes passou a atrair a atenção de pessoas interessadas no progresso das escolas paulistanas, em especial aquelas ligadas à instrução feminina.

Uma poderosa representação da igreja reformada americana decorria da aliança entre protestantismo e maçonaria, fato que exerceu importante papel no estabelecimento dos norte-americanos sulistas no Brasil. Prudente de Moraes, um dos 35 fundadores e primeiro Venerável da Loja Maçônica de Piracicaba, instalada em 24 de novembro de 1875, encarregara-se, pessoalmente e em companhia de seu irmão Manoel de Moraes Barros, da defesa de vários dos imigrantes envolvidos em processos civis na justiça de Piracicaba. Ao chegar a Piracicaba, em 1881, Miss Martha Watts foi recebida pelo próprio Prudente de Moraes, futuro presidente da república, de quem se tornou amiga por afinidade ideológica. *Miss Watts* e *Mademoiselle Rennotte* valiam-se de poderosos aliados e com eles se aconselhavam e conviviam.

Os valores que surgiram nas duas últimas décadas do século XIX passaram a atrair homens e mulheres interessados em modernizar a Nação, mediante discussão de mudanças radicais nas condições religiosas, culturais e políticas da sociedade brasileira. Acreditavam com variada intensidade no poder da educação, nas ideias liberais, nos valores republicanos, no papel dos protestantes, na ciência positivista, nos católicos, nos maçons e anticlericais. Que perigo! Entre gregos e troianos, Dom Pedro II não via com bons olhos essas inovações, por considerá-las ameaças de desintegração da ordem vigente. Ao visitar Piracicaba em 2 de dezembro de 1886, ocasião em que se hospedou na casa do Barão de Rezende, o Imperador registrou seu desagrado por bíblia protestante como livro de juramento na mesa da presidência.

Com forte personalidade e vocação para a liderança, Marie Rennotte contribuiu de forma significativa para o ensino feminino e para propostas de emancipação das desalentadas mulheres da sociedade paulista e brasileira. Conheciam as ideias feministas de Olympe de Gouges (1745-1793) e de Mary Wollstonecraft (1759-1797), na Europa, e de Nisia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885) e Francisca Senhorinha

da Motta Diniz (séc XIX, datas ignoradas), no Brasil, autoras de textos famosos sobre o do feminismo no Brasil.

Marie Rennotte participou na luta pela emancipação das mulheres, contribuindo para explicar causas e consequências das desigualdades entre os sexos. São dela as seguintes palavras: “Numa das definições que acima dei da palavra de que é objeto este artigo, avancei que liberdade não podia significar faculdade ou livre arbítrio de nada fazer, pois que liberdade não podia dignificar faculdade ou livre arbítrio de nada fazer, pois que a ela está ligada a ideia de ação. Visto que a ação traz consigo a ideia de responsabilidade de um autor e que a mulher, que faz parte da constituição da humanidade ‘assume uma responsabilidade igual à do homem perante a sociedade’, ela deve, pois, gozar dos mesmos direitos que este, porque não há lei que naturalmente não apresente duas fases, não há decreto ordenando, nem o seu corolário que proíbe, porque não há edito que impõe sacrifícios sem conceder ao mesmo tempo privilégios”- Mulher e Liberdade, a Família, Rio de Janeiro, 25 de maio de 1889.

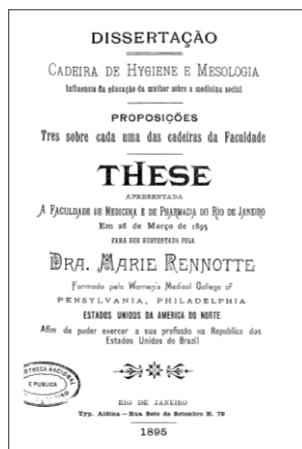
Além de professora, Marie Rennotte foi também médica ilustre. O arquivo do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo possui seu diploma de Medicina, emitido no Women’s Medical College of Pennsylvania, Philadelphia, em 1892, quando tinha cerca de 40 anos. Onze anos antes, em 1881, Maria Augusta Generoso Estrella (1861-1946), a primeira médica brasileira, também havia se formado nos Estados Unidos.

Ao regressar ao Brasil, e de acordo com a lei brasileira, teve que revalidar seu diploma para exercer a profissão. Para isso, apresentou à Faculdade de Medicina e Farmácia do Rio de Janeiro tese intitulada “Influência da educação da mulher sobre a medicina social”. A publicação de 44 páginas contém a seguinte dedicatória: “Ao Ilmo. Sr. Dr. Prudente de Moraes Barros e a sua Exma. Senhora, com os respeitos da Autora. Rio de Janeiro, 19 de abril de 1895”. A tese é dedicada, também, a sua amiga Miss Watts, pastora metodista responsável pelo Colégio Piracicabano.

Em sua tese, Marie Rennotte, critica amargamente o conteúdo da educação dirigida a meninas, dizendo que “ignorantes da forma natural do corpo humano e das leis de seu desenvolvimento, as mães vestem as filhas como se fossem bonecas. Para conseguir esse requisito de beleza feminina, os membros são, sem compaixão nem misericórdia, lentamente trucidados. Os pés são colocados em sapatos por demais estreitos, o centro da gravidade deslocado por saltos altos, demandando a tensão constante de certos músculos pra a preservação do equilíbrio. A cintura é esmagada numa prisão de ferro e barbatanas que interfere no crescimento do organismo. Os órgãos torácicos, abdominais e pelvianos, são desumanamente violentados e suas funções pervertidas sem nenhuma compaixão pela vítima”. Além disso, comenta que o “sistema educacional não prepara as jovens para assumirem as responsabilidades da vida, daí surgindo a necessidade de os médicos se manifestarem a respeito da reforma do ensino público, para que este se torne a base do edifício social, uma vez que *first wealth is health*”.

A propósito da instrução feminina em São Paulo, refere-se às características do intervalo para recreio nas escolas, comentando que, “ao invés de se aproveitar esse momento para estimular o gosto pelos exercícios do corpo, dizem às meninas que os jogos são coisas de rapazes, inconvenientes, portanto, para as donzelas. Além disso, propagam que saúde e vigor são qualidades plebeias e que um apetite satisfeito com

pouco, timidez e fraqueza são atributos mais próprios a senhoras de bom-tom. Essas condições são comparadas com o que ocorre durante o recreio dos meninos, cujas condições são-lhes, ao contrário, totalmente favoráveis”.



Nas palavras de Marie Rennotte, “influências de hábitos irrefletidos, instigações de ignorantes, sugestões de amas, caprichos e conselhos de avós contribuirão para que as jovens pensem que é pecado comer carne às sextas-feiras, que peixe não é carne, que o papa é infalível, que estes e outros fatos do mesmo quilate devem ocupar o lugar de honra na memória da futura supersticiosa. As jovens senhoras deixarão os bancos da escola com as cabeças cheias de datas e sem terem exercitado jamais suas faculdades de reflexão”. Na parte final do trabalho, diz: “em nome da mulher, a favor da sociedade e em benefício da nação, peço vossa benévola intervenção na reforma de um ensino que concorre para fazer de vossos filhos cretinos, de vossos irmãos raquíticos, de vossas filhas espectros, fantasmas e meros fonógrafos sob o ponto de vista intelectual”.

A carreira de Marie Rennotte foi brilhante, ressalta Maria Lúcia Mott, biógrafa dessa grande mulher. Dois anos depois de formada, começou a trabalhar na Maternidade São Paulo, cuja fundação é atribuída ao médico Bráulio Gomes, e cuja manutenção, organização e supervisão ficaram a cargo de um grupo de mulheres da elite paulista.

Em junho de 1899, a Dra. Rennotte demitiu-se. Registram as atas da diretoria da maternidade sua gratidão, acompanhada por voto de louvor pelos relevantes serviços prestados, como médica interna, e pela organização da enfermaria das mulheres pobres.

Em 1906, passou a trabalhar na Clínica cirúrgica da Enfermaria da Santa Casa de Misericórdia, como atesta o livro de frequência dessa entidade, ocasião em que colaborou com o eminente professor e médico Arnaldo Vieira de Carvalho. Em 1912, tomou parte da Diretoria da Cruz Vermelha e idealizou a fundação de um hospital para crianças, o qual foi inaugurado em 1919, no bairro de Indianópolis, em São Paulo.

A Dra. Marie Rennotte foi a primeira mulher a fazer parte do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, eleita em 4 de maio de 1901, por indicação de Eduardo Prado, Orville Derby e Denamérico Rangel, e do qual fez parte até a data de seu falecimento, em novembro de 1942. Seu túmulo perpétuo encontra-se no Cemitério dos Protestantes na Consolação. Uma grande mulher!